**EDM 5082**

**Flávio Nunes dos Santos Júnior**

**Alguns questionamentos**

Pensando que o pós estruturalismo rejeita a polarização entre oposições binárias, em que medida a discussão apresentada no início do capítulo “contextualização “, rompe com a reflexão crítica e avanças nas questões pós-críticas?

A discussão tecida em “A identidade e a diferença têm de ser representadas” traz o diálogo quando presente nas atividades pedagógicas que configuram o currículo contribui para uma melhor compreensão do processo de construção da representação, assim transformando estudantes e sentido da representação. Deste modo, lembrando o trabalho do Jorge é possível afirmar que a negociação esbarra nas questões de sentido, estaria mais próxima dos significados ou passeia entre esses dois (sentido e significado)?

Observando a educação atual ou até mesmo o currículo cultural, uma vez que a tematização tecida em aulas precisam se relacionar com o PPP da unidade, é possível pensar uma educação não sistematizada?

A discussão do capítulo me causou grande confusão ao expor que no pós-estruturalismo não existe identidade, tudo é diferença. Neste sentido, como afirmar, por exemplo, a existência de uma identidade docente?

A partir do conceito de discurso em Foucault é possível afirmar que existe uma fabricação a quem se fala, uma vez que ao criar efeitos de verdade sobre o que se fala e efeitos nos sujeitos que falam e sobre os quais se fala?

Se aceitarmos a premissa que ainda há uma produção das teorias críticas como firmar uma teoria que diz pós-crítica?